

Dedico este livro aos meus fantasmas, que me acompanham no caminho tortuoso da vida, Françoise e Virgile.

Dedico também o livro a Clotilde Vu, pois era como um fantasma que víamos em sonhos. Ei-lo materializado.

Um imenso obrigado a Étienne Friess, um amigo brincalhão yōkai, pela sua ajuda.

Por fim, um grande obrigado a Barbara Canepa, Clotilde Vu e Adeline Richet-Lartigue, pelas suas ideias e ajuda neste livro.

Benjamin Lacombe

FICHA TÉCNICA

Título: *Histórias de Fantasmas do Japão*
Título original: *Histoires de Fântomes du Japon*
Texto: *Lafcadio Hearn*
Ilustrações: *Benjamin Lacombe*
Copyright © Éditions Soleil / Lacombe
Edição revista © 2019 — Collection Métamorphose
A Collection Métamorphose é dirigida por *Barbara Canepa* e *Clotilde Vu*
Direção artística: *Barbara Canepa* e *Clotilde Vu*
Conceção e realização gráfica: *Benjamin Lacombe* com *Adeline Richet-Lartigue*
Tratamento dos ficheiros: *Charlotte Thomas* e *Calypso Martinez*
Logotipo Métamorphose: *Dan Hillier* e *Didier Gonord*
Tradução de inglês para francês: *Marc Logé*
Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2023
Tradução: *João Cardoso*
Revisão: *Filipa Soares/Editorial Presença*
Composição: *Carlota Flieg*
Impresso na China
Depósito legal n.º 518516/23
1.ª edição, Lisboa, dezembro, 2023

Reservados todos os direitos
para Portugal à
EDITORIAL PRESENÇA
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena
info@presenca.pt
www.presenca.pt



SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
HISTÓRIAS DE FANTASMAS DO JAPÃO	19
JOGOS COM YŌKAI	159
NOTAS	169
BIOGRAFIAS E BIBLIOGRAFIAS	179
ÍNDICE DE CONTEÚDOS	191





PREFÁCIO

LAFKADIO HEARN

OU

«O GRANDE TURBILHÃO-
-FANTASMA DO NASCIMENTO
E DA MORTE»

À sombra dos edifícios de betão e vidro de Ginza (o bairro comercial de Tóquio), a partir das dezasseis horas, não é raro encontrar homens e mulheres envergando sumptuosos quimonos para assistirem a uma peça de teatro *nô* ou a uma celebração. Esta gente elegante percorre, indiferente, as pequenas ruas de comércio em que as lojas estão decoradas com bandeirolas e estandartes publicitários. Em algumas portas, pendem enormes arranjos florais; como afirmam os dizeres dos respetivos estandartes, os funcionários de um café ou de um cabeleireiro celebram assim o dia do seu protetor ou o aniversário da atividade do seu estabelecimento.

Ao fundo de um grande jardim, veredas, atalhos, penedos e arbustos antecipam a surpresa provocada por um pagode de telhados recurvados e paredes de cores alegres. O acesso à sua penumbra interior, trespassada por dourados clarões de estranhos ídolos, está protegido por um

gigante de madeira pronto a investir. Um rosto fechado e um imenso sabre ajudam este bondoso carácter a evitar que os demónios incomodem os devotos e os restantes visitantes.

À entrada de um outro pagode, debaixo de um dragão aplicado no teto do vestíbulo, um círculo desenhado no pavimento e uma placa (bilingue) sugerem que se batam as palmas naquele local «para se poder ouvir o dragão sagrado a emitir o seu encantador rugido».

Que japonês respeitador das conveniências se esqueceria de encurtar a cauda do seu gatinho ou arriscaria decorar o jardim com águas imóveis? Dois costumes exigidos pela única preocupação de proteger os refúgios terrenos das suas famílias dos demónios que espreitam nas trevas.

O fantástico esteve sempre presente num país em que os trajes e os costumes, a arte e as tradições, os cenários e as flores compõem, em cada instante e em cada passo, uma festa de cores e uma atmosfera mágica, patente nestas irrupções e ruturas que lançam na desordem a racionalidade das sociedades ocidentais. Como o fantástico também impregna profundamente a vida japonesa, o sobrenatural de onde emana não é mais do que uma das surpresas que a natureza reserva ao homem.

O fantástico está demasiado associado aos japoneses para que possam incomodar-se com o misterioso e insidioso cerimonial destinado a intimidar os ocidentais e a condicionar as imaginações demasiado cartesianas. A própria morte despojou-se dos sinistros e assustadores atavios que a caracterizam no Ocidente e tornou-se numa intermediária por todos aceite com a faculdade

de entreabrir, de bom grado, as portas do além, tanto num sentido como no outro.

Porém, esta ausência de procedimentos intimidantes e de cores fúnebres não deve deixar crer que o fantástico japonês está condenado aos efeitos da sombra, da luminosidade da Lua e do cartão dourado, muito menos às manifestações de um bestiário mitológico. Existem aqui muito menos dragões do que na tradição greco-latina. As cerca de cinquenta histórias reunidas por Lafcadio Hearn (1850-1904), fundamentadas na tradição oral ou em livros antigos (*Shin-Shomon-Shu*, *Hyaku-Monogatori*, *Uji-Jui-Monogatori-Sho*, entre outros), revelam uma diversidade temática muito ampla.

Há contos de fadas tão proeminentes como *A Princesa com Pele de Burro*, o maravilhoso clássico: um homem-tubarão verte lágrimas que logo se transformam em rubis, *O Reconhecimento do Homem-Tubarão*; histórias de ogres: *O Devorador de Cadáveres*, *O Fantasma Decapitado*; almas cativas (como em *Bambi* ou *A Bela e o Monstro*) em forma de animais: *A Morte de Um Pato Selvagem*, *A Mensagem da Mosca*; ou cativas de objetos encantados: *A Cativa do Espelho*; vampiros sedentos de sangue novo: *O Vampiro do Fundo das Águas*, *A Lenda da Cascata dos Espíritos*; bruxas cujas maldições sobrevivem à própria morte: *A Morte com as Mãos Vivas*; reinos estranhos, verdadeiras cidades de Ys submersas não nas correntes e no espaço, mas nas trevas e no tempo, onde os audazes se arriscam para criarem uma rutura no tecido temporal: *O Cego Que Fazia Chorar os Mortos*, *O Sonho de Um Dia de Verão*; alegorias e sonhos: *Na Montanha dos Crânios Humanos*, *O Sonho da Borboleta e da Formiga*.

Inúmeras histórias de fantasmas permitem ao fantástico, domínio por excelência do sobrenatural, exprimir-se com a ambiguidade exigida pelas nossas mentalidades ocidentais. Espectros atraentes e afáveis — quase sempre femininos — surgem, não mais do que por um serão ou por uma noite, para encantarem não menos atraentes jovens rapazes, que depois se desiludem ao vê-los esfumar-se como um sonho. Sonhos dourados: *A Lenda da Aldeia dos Tocadores de Koto*; sonhos comoventes: *A Lanterna de Peónia*; pesadelos: *A Primeira Mulher do Samurai*.

As temáticas destes últimos levam-nos a acreditar em contactos secretos entre os imaginários japonês e ocidental. Surgem novamente, em 1824, em *A Aventura de Um Estudante Alemão...* cujo autor, Washington Irving, fora já precedido em 1774 por Lenglet-Dufresnoy. O sábio compilador de *Tratado Histórico e Dogmático sobre as Aparições* relata aqui a ação maligna praticada pelo diabo sobre um jovem senhor da época. Num dia de chuva, tendo encontrado uma jovem abrigada no seu alpendre, pediu-lhe que entrasse em sua casa. Ao amanhecer, acordou ao lado de um repugnante cadáver em decomposição... Japoneses ou bons cristãos, os demónios comprazem-se com idênticas e infames farsas.

Noutras ocasiões, com um ou dois séculos de avanço e uma desconsideração pelas fronteiras do tempo e pelas leis da cronologia, os demónios japoneses inspiram-se na escola do Dr. Sigmund Freud. Em *A Loja de Porcelanas Assombrada pelo Ódio*, o fantasma desenvolve uma verdadeira projeção mental. Exemplo de um fantástico subtil e imaterial, que pode manifestar-se, de modo análogo, na função mágica de um pedaço de tecido ou papel.



No imaginário ocidental, a metamorfose representa a inesperada passagem, por vezes, burlesca, de uma forma sólida para outra. *Cinderela*, em que a abóbora e os ratos são transformados numa principesca carruagem puxada por cavalos, é disso o exemplo clássico. No Japão, a metamorfose é muito mais criativa: em vez de alterar as formas, cria-as com a materialização de um sentimento (o ódio, no exemplo anterior) ou por via de um conceito estético: o desenho de um animal que se transforma nesse animal com vida. E que se entrega aos instintos — por vezes, agressivos e sangrentos — da respetiva espécie, regressando depois ao seu aspeto gráfico e estático em duas dimensões: *O Menino Que Desenhava Gatos*.

Ao contrário da criação puramente psíquica patente em *A Loja de Porcelanas Assombrada pelo Ódio*, a materialização está fundamentada num suporte físico: o papel em que surge o desenho. Um suporte demasiado subtil para a transformação burlesca procurada pelo mundo das fadas ocidental. Pelo contrário, o imaginário vai buscar a força dos seus efeitos a esta desproporção entre o frágil suporte inicial e o resultado obtido. Assim, vemos um quadro que se esfuma ao ser apartado do seu legítimo proprietário (*O Quadro Que Tinha Uma Alma*), a mulher de uma gravura transformada numa pessoa de carne e osso (*Aquele Que Se Apaixonou por Um Retrato*), um pedaço de tecido que incendeia toda uma cidade (*O Grande Incêndio do Traje de Mangas Compridas*).

Esta faculdade de conceber prodígios no papel, na tela e na seda não faz senão refletir a organização de uma civilização em que estes frágeis materiais desempenham a função privilegiada que a arte europeia reserva, enfaticamente, aos

materiais «nobres»: a pedra e o metal. Do mesmo modo, a topografia e as matérias-primas disponíveis explicam a ausência de solenidade que caracteriza os vampiros japoneses.

Num país em que a madeira, o cartão e o papel entram na construção das casas mais frequentemente do que a pedra, além de o relevo também ignorar cordilheiras e vales profundos, os emuladores do conde Drácula não saberiam habitar em castelos intrincados e alcandorados em penedos aterradores: como sucede em *Vampiro do Fundo das Águas*, contentam-se, simplesmente, com os abrigos oferecidos pela natureza. Abrigos banais e tranquilos, que tornam os seus desempenhos ainda mais surpreendentes.

O aspeto campesino e floral dos cemitérios, a singeleza dos edifícios religiosos rodeados por jardins — em lugar da solenidade melancólica e monumental que os caracteriza no ocidente —, a arquitetura sem mistérios das residências japonesas, a desdramatização da morte despojada da sua sinistra lenda e da função repressiva que o cristianismo lhe atribui: são inúmeras as circunstâncias que podem explicar o envolvimento dos fantasmas no universo familiar dos vivos e a intimidade que, muito frequentemente, desenvolvem entre si.

Quando os vivos compreendem os seus equívocos, podem ficar desapontados, mas raramente assustados. Inclusivamente, quando os mortos, renunciando a limitar-se ao seu aspeto mais tradicional, reagem com agressividade. O temor que, então, inspiram não suscita os efeitos paralisantes e mórbidos originados pelos espectros europeus. Dá lugar a uma provação não supressora, mas iniciática. Neste combate

entre iguais, entre o homem e o sobrenatural, é o primeiro que prevalece dada a sua valentia e, sobretudo, a sua astúcia — *O Decapitado Que Mordeu a Pedra, O Fantasma Decapitado*.

Porém, o imaginário japonês não força unicamente as portas da morte. Também entreabre as do nascimento ou, mais exatamente, da reencarnação: organizando espantosos reencontros entre seres predestinados que se conheciam de outros locais e de outras vidas (*Aquele Que Casou Duas Vezes com a Mesma Mulher, A Criança Que Nasceu Duas Vezes*).

Esta temática, ignorada pelo fantástico ocidental, ajuda a afirmar o colorido religioso que caracteriza o fantástico japonês. A mesma atribui uma dimensão poética a determinadas metamorfoses — *A História do «Salgueiro Verde», A Morte de Um Pato Selvagem*. Saídas da varinha mágica de uma fada ou do capricho de um feiticeiro do Ocidente, só poderiam alcançar êxito enquanto bizarras. Quando as sentimos organizadas por uma lei transcendente da migração das almas, deixam de estar destinadas à curiosidade do leitor, mas ao seu coração.

Apesar do seu trágico desfecho e das dolorosas separações que desencadeiam, estas reencarnações com a aparência de metamorfoses deixam nas suas vítimas uma imensa esperança à escala do infinito em que se perdem. Nada é definitivo, tudo poderá recomeçar; o tempo (e as vidas nele contidas) não passa de um ciclo sem princípio nem fim.

Um sentimento do trágico inseparável da esperança, é esta a moral que Lafcadio Hearn con-

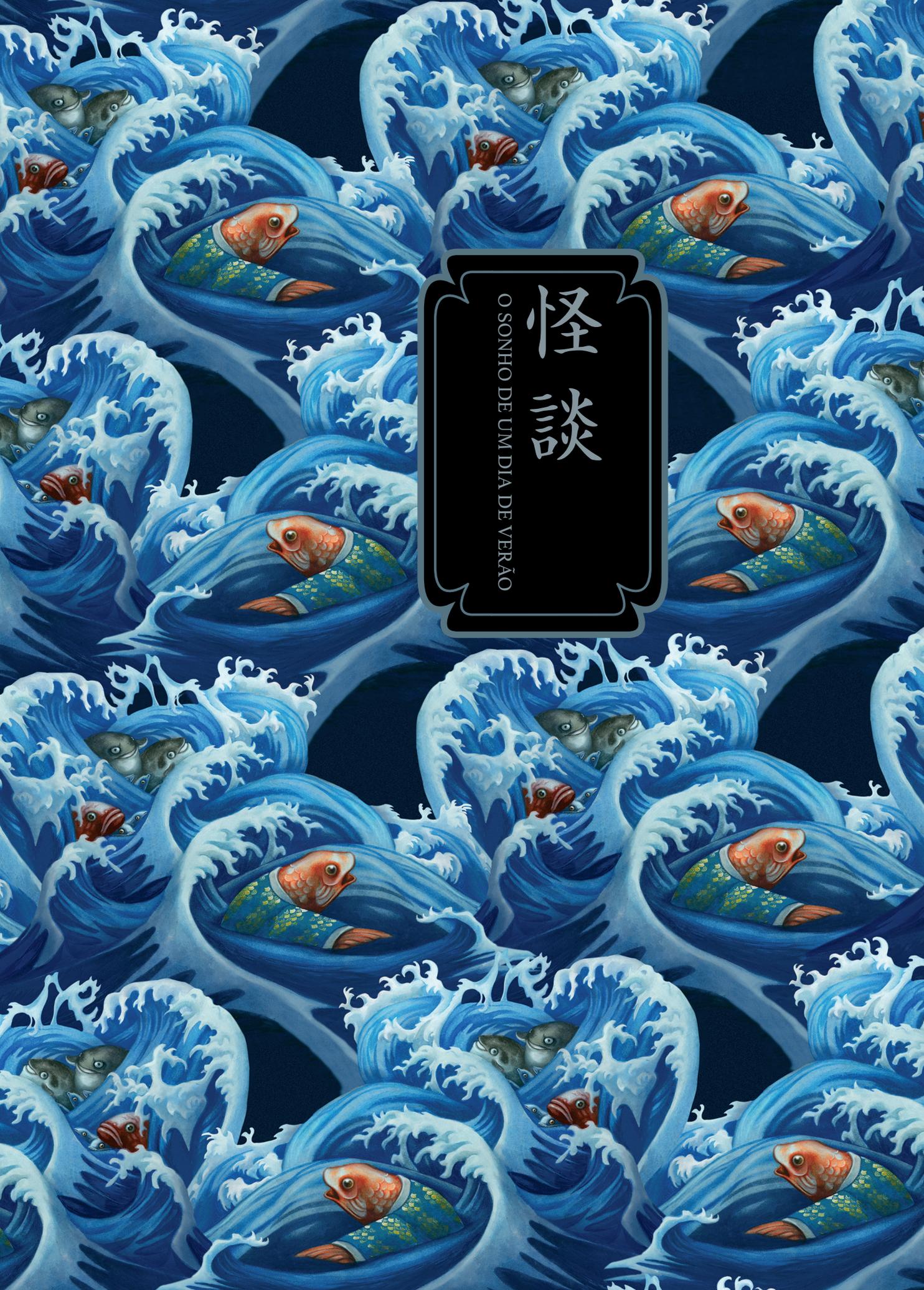
vida o leitor a interiorizar. Tal como o próprio interiorizou ao encontrar no Japão o apaziguamento que lhe pôs fim a uma vida dolorosa.

Nasceu em 1850, na Grécia, filho de um cirurgião da marinha britânica e de uma mulher grega; muito cedo abandonado pelo pai, e, depois, pela mãe, foi criado no País de Gales por uma velha tia, tendo perdido uma vista na adolescência, num acidente, o que o afastou ainda mais dos outros, Lafcadio Hearn é o típico desenraizado. Rejeitado pela família aos dezasseis anos, viu-se entregue à sua sorte e à miséria desde muito cedo. Emigrou para os Estados Unidos da América aos vinte um anos, onde conheceu, apesar de diversos empregos na imprensa, uma existência miserável.

Em busca de um ideal inatingível, e procurando desesperadamente identificar-se com uma cultura, acreditou tê-lo alcançado numa estada de sete anos em Nova Orleães, seguida de uma tentativa de se estabelecer na Martinica. O acaso de uma deslocação em reportagem ao Japão fê-lo descobrir neste país o porto seguro que já não esperava encontrar. Convertido ao budismo, desposou uma japonesa que lhe deu vários filhos, tendo acabado por experimentar um breve período de apaziguamento. A harmonia cujo significado este grande conhecedor vislumbrara ao reunir estes contos.

Ao publicá-los, foi a sua poesia e a sua mensagem de esperança que procurou comunicar, sem rancor, aos homens do Ocidente que não o souberam reconhecer como um dos seus.

Francis LACASSIN



怪談

O SONHO DE UM DIA DE VERÃO

I



aquele albergue era como um paraíso e as criadas, seres celestiais; já que acabava de fugir para longe de um dos portos abertos ao comércio exterior, para onde me aventurara em busca dos confortos de um hotel europeu equipado com as comodidades mais recentes. Para mim, foi como uma redenção de todos os males do século XIX encontrar-me agora, à minha vontade, vestindo uma *yukata*, sentado em esteiras frescas e macias, servido por jovens raparigas de voz doce e rodeado de belas coisas. Ao almoço, deram-me rebentos de bambu e bolbos de lótus. Como recordação, foi-me oferecido um leque que parecia chegado do céu. Apenas estava enfeitado com uma enorme onda que se desfazia em espuma numa praia com aves marinhas que se erguiam num voo arrebatador para o azul infinito. No entanto, contemplando tudo aquilo, sentia-me recompensado por ter feito a viagem. Era ao mesmo tempo uma luminosa glória, um trovão em movimento, um triunfo do vento chegado do mar. E admirar tudo o que me rodeava dava-me vontade de gritar.

Por entre as colunas de cedro do albergue, conseguia observar toda a extensão da bonita cidade cinzenta que acompanhava a linha da costa, os juncos amarelos ancorados e ociosa-

mente adormecidos, a baía abrindo-se entre enormes falésias verdejantes e, mais além, até à linha do horizonte, o esplendor do verão. Neste horizonte, viam-se as silhuetas das montanhas, esbatidas como antigas memórias... Exceto a cidade cinzenta, os juncos amarelos e as falésias verdejantes, tudo era azul.

Nisto, por entre o meu devaneio que acabou por interromper, uma voz tão suave como o tilintar de um sino ao vento dirigiu-me algumas palavras gentis; a proprietária do albergue vinha agradecer-me o *chadai*¹ e fiz-lhe uma vénia. Era muito jovem, mais do que encantadora e fazia lembrar as virgens falenas e as mulheres libélulas de Kunisada. Logo desejei a morte, pois, por vezes, a beleza não é mais do que um luto por antecipação.

Perguntou-me onde teria eu a honorável² intenção de ir para poder chamar-me um *kuruma*³.

— A Kumamoto. Porém, desejo verdadeiramente saber o nome da sua casa para que possa recordar-me dela para sempre — respondi-lhe.

— Os meus quartos de hóspedes — disse ela — são veneravelmente insignificantes e as minhas criadas, honavelmente grosseiras, mas designamos este albergue como casa de Urashima. Agora, vou chamar-lhe um *kuruma*.

Aquela voz melodiosa silenciou-se, embora eu tenha sentido o seu encanto tombar ao meu



redor como se fossem as malhas de uma rede fantasma. É que *Urashima* é o nome de uma cantiga que enfeitiça os homens.

II

Depois de ouvirmos esta história, nunca mais a conseguiremos esquecer. Todos os verões, quando estou junto à costa, sobretudo nos dias muito agradáveis e calmos, sou por ela assombrado com persistência. Existem muitas versões regionais desta lenda que inspiram inúmeras obras de arte. Contudo, a mais comovente é *Manyefushifu*, um conjunto de poemas escritos entre os séculos V e IX. Foi a partir desta versão que o eminente letrado Aston os traduziu em prosa e que o grande sábio Chamberlain os reformulou em prosa e verso. Porém, creio que para os leitores ingleses o formato mais encantador é aquele que Chamberlain escreveu para as crianças, na coleção «Contos de Fadas Japoneses», ilustrada com requintadas e coloridas gravuras executadas por artistas regionais... E é com este pequeno livro aberto diante de mim que tentarei narrar uma vez mais esta antiga tradição, de acordo com a minha imaginação.

Há mil e quatrocentos anos, o jovem pescador Urashima Tarō partiu na sua embarcação e afastou-se da costa de Suminoyé. Os dias de verão provocavam, como hoje, bastante indolência e ostentavam um terno azul com esparsas nuvens brancas pairando acima do espelho do mar.

Nesse tempo, também como hoje, as colinas eram longínquas e suaves silhuetas azuladas que se fundiam na cor do céu. E os ventos eram lânguidos.

O adolescente, sentindo-se lânguido como eles, deixava a embarcação seguir à deriva enquanto pescava. Era uma estranha embarcação, sem pintura nem leme, com um formato, por certo, nunca antes visto. No entanto, se bem que tenham decorrido mil e quatrocentos anos, ainda se avistam embarcações semelhantes diante dos antigos povoados piscatórios da costa do mar do Japão.

Após uma longa espera, Urashima sentiu um solavanco e puxou a linha. No entanto, tudo o que trazia não era senão uma tartaruga.

Ora, as tartarugas estão consagradas ao Deus Dragão do Mar e costumam viver por mil anos — também se ouve falar em dez mil anos. Por isso, matá-las equivale a uma muito má ação. O jovem libertou a tartaruga do anzol com cuidado e devolveu-a à liberdade enquanto orava aos deuses.

Só que não pescou mais nada. O dia estava muito quente e o ar, o mar e toda a envolvente estavam muito calmos e silenciosos. Abateu-se sobre Urashima um profundo torpor e adormeceu na sua embarcação ainda à deriva.

Então, daquele mar de sonho, ergueu-se uma encantadora virgem — como podemos ver na gravura que ilustra a versão do acadêmico Chamberlain. Vinha vestida de carmesim e azul, e os longos cabelos negros pendiam-lhe sobre os ombros à maneira das princesas de há mil e quatrocentos anos.

O SONHO DE UM DIA DE VERÃO

Ela aproximou-se, deslizando sobre as águas tão suavemente como a brisa; pôs-se por cima do adolescente adormecido na embarcação, acordando-o com um ligeiro toque e dizendo-lhe:

— Não te sobressaltes. O meu pai, o Rei Dragão do Mar, enviou-me à tua procura por causa do teu bom coração, pois hoje devolveste uma tartaruga à liberdade. Agora, podemos ir até ao palácio do meu pai, que fica na ilha em que o verão nunca morre. E se assim desejares, passarei a ser a tua fabulosa esposa e viveremos felizes para toda a eternidade.

Observando-a, Urashima sentia-se cada vez mais maravilhado, pois ela era a mais bela de todos os seres humanos e não poderia deixar de a amar. Então, cada um pegou num remo e seguiram viagem, remando juntos — como ainda se podem ver, nos nossos dias, nas proximidades da costa ocidental do Japão, mulher e marido a remar lado a lado em embarcações pesqueiras ondulando na luz dourada do sol poente.

Remaram rápida e silenciosamente, sobre um azul de águas calmas, em direção ao Sul, chegaram à tal ilha em que o verão nunca morre e dirigiram-se ao palácio do Rei Dragão do Mar.

Aqui, o texto do pequeno livro desaparece, subitamente, do nosso olhar e tênues vagas de azul inundam as páginas. Mais além, num feérico horizonte, distingue-se a costa longa, baixa e indefinida da ilha, com telhados pontiagudos a surgirem acima da folhagem







BENJAMIN UCOMBE

sempre verde — são as coberturas do palácio do Deus do Mar, que em tudo se assemelha ao palácio do *mikado* Yuriaku, de mil e quatrocentos anos antes.

Então, surgiram-lhes pela frente estranhos criados. Estas criaturas do mar, envergando trajes de cerimónia, acolheram Urashima como genro do Rei Dragão.

E a filha do Deus do Mar tornou-se na esposa de Urashima. Foi um casamento de um maravilhoso esplendor e, no palácio do Dragão, houve grande regozijo.

Cada dia trazia a Urashima novas alegrias e novos motivos de admiração: tesouros transportados desde o mais profundo dos abismos pelos criados do Deus do Oceano, deleites daquela terra encantada em que o verão nunca morre... Passaram-se assim três anos.

Apesar de tudo aquilo, o jovem pescador sentia alguma mágoa sempre que pensava nos pais, que o aguardavam solitários. Um dia, suplicou à esposa que o deixasse visitar o seu lar, nem que fosse por pouco tempo, para poder dizer algumas palavras ao pai e à mãe, regressando depois rapidamente para junto dela.

Escutando tais palavras, ela começou a soluçar e chorou durante muito tempo em silêncio. Então, disse-lhe:

— Como assim desejas, podes ir. No entanto, temo muito a tua partida, pois receio que não voltaremos a ver-nos. Ainda assim, dar-te-ei uma pequena caixa para levaraes contigo.

Ajudar-te-á a voltares para mim se fizeres o que te digo: não a abras, acima de tudo, não a abras, aconteça o que acontecer. Pois, se o fizeres, nunca mais conseguirás voltar e nunca mais me poderás ver.

Ela entregou-lhe uma caixinha lacada, apertada com uma fita de seda.

Hoje, podemos ainda admirá-la no templo de Kanagawa, perto da costa; os sacerdotes também aí conservam a cana de pesca de Urashima Tarō, além de algumas estranhas joias que trouxe dos domínios do Rei Dragão.

Urashima consolou a mulher. Prometeu-lhe nunca, nunca abrir a caixinha e, inclusivamente, nunca desapertar a fita de seda que a mantinha fechada.

Depois, saiu para a claridade estival, percorrendo o mar de sonho ainda entorpecido. Os contornos da ilha em que o verão nunca morre desapareceram nas suas costas também como num sonho. E observou de novo as montanhas azuis do Japão desenhadas de encontro ao resplendor branco do horizonte a norte.

Entrou na sua baía natal e desembarcou na praia habitual. Mas, no preciso momento em que a observava, foi tomado por uma grande inquietação provocada por uma dúvida inesperada.

O local parecia o mesmo, mas diferente. Ali estava a aldeia, mas os feitios das casas não eram os mesmos; bem como as árvores, os campos e até os rostos de quem passava. Quase todas as suas referências haviam-se evaporado; o templo *shinto*



parecia estar edificado noutra sítio; os bosques tinham desaparecido das colinas vizinhas.

Apenas o ruído do riacho que atravessava o povoado e o formato das montanhas eram os mesmos. Tudo o resto era novo e desconhecido. Em vão, tentou localizar a casa dos pais. Os pescadores observavam-no, espantados, e Urashima não conseguia lembrar-se daquelas faces.

Nisto, passou um homem muito velho, apoiado num bastão, e Urashima perguntou-lhe o caminho para a morada da família Tarō. O velho mostrou-se deveras surpreendido e pediu-lhe, por diversas vezes, que repetisse a pergunta. Por fim, soltou um brado:

— Urashima Tarō! De onde vens tu, para não conheceres a história? Urashima Tarō?... Afogou-se há mais de quatrocentos anos e foi há pouco erguido um monumento à sua memória no cemitério. E também estavam nesse antigo campo-santo, que já não é utilizado, as sepulturas de todos os seus!... Urashima Tarō! Como podes ser tão insensato para me perguntares onde mora?

E o ancião prosseguiu o seu caminho, manquejando e rindo da singeleza do seu interlocutor.

Urashima visitou, então, o antigo cemitério, que deixara de ser utilizado, deparando com a própria sepultura, bem como com as do pai, da mãe, dos restantes parentes e de muitas pessoas que conhecera. As lápides eram tão antigas, tão corroídas pelo musgo, que era difícil decifrar os números nelas gravados.